A modernidade da hipnose

Orlando Hardt Junior,[1] São José dos Campos

Resumo: Neste ensaio, o autor propõe uma leitura retroativa (*Nachträglichkeit*) de "Hipnose" (Freud, 1891/2025), tornando-o não uma curiosidade histórica, mas um texto que expõe uma questão ainda estruturante da clínica: a parcela inevitável de influência e de modulação do campo relacional na produção de mudanças psíquicas. A "modernidade" atribuída ao texto é aqui operatória e não cronológica: Freud descreveu um método do enquadre, da autoridade simbólica e da responsividade do paciente, reposicionando o problema do poder terapêutico e de seus destinos. À luz de Bion, a hipnose pode ser compreendida como modalidade de continência externa capaz de reduzir turbulências emocionais quando a função alfa se encontra precária. Contudo, essa eficácia não garante transformação e crescimento mental. Sugere, por fim, uma distinção clínica entre dois regimes de mudança – regulação por fechamento e transformação por ampliação da capacidade de pensar – como eixo para sustentar a atualidade do texto freudiano e discutir a ética da técnica psicanalítica.
Palavras-chave: hipnose, sugestão, *Nachträglichkeit*, Bion, função alfa

Introdução: por que modernidade da hipnose?

> *Tudo que se falou ou escreveu sobre os grandes perigos da hipnose pertence ao reino das fábulas.*
> (Freud, 1891/2025, p. 146)

Atribuir modernidade a um texto de 1891 pode parecer, à primeira vista, um contrassenso, sobretudo porque a psicanálise se constituiu ao se afastar da hipnose como técnica privilegiada. Contudo, a hipótese

1 Psicanalista. Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

deste ensaio não é que Freud já fosse um autor psicanalítico em 1891, nem que a hipnose deva ser reabilitada como procedimento. Sustenta-se, antes, que "Hipnose" (Freud, 1891/2025) oferece um laboratório conceitual de uma questão persistente: a mudança psíquica produzida por uma modulação do campo relacional – expectativas, autoridade simbólica, enquadre, disposição do paciente – dimensão inevitável de toda clínica da palavra.

Assim, o moderno neste texto não significa atual no sentido técnico, mas operatório: um texto é moderno quando permite reposicionar, hoje, problemas que permanecem ativos na prática clínica. Reler "Hipnose" com Bion significa explicitar a diferença entre eficácia regulatória e transformação psíquica, oferecendo um critério para avaliar a mudança para além da supressão automática.

Algumas considerações metodológicas

A leitura retroativa (*Nachträglichkeit*) implica reler um texto do passado à luz de elaborações posteriores, não para lhe imputar intenções que ele não tinha, mas para tornar visíveis tensões clínicas que ele já aponta em cena. O procedimento não apaga a distância histórica, ao contrário, faz dela um intervalo fecundo: o vocabulário de 1891 (hipnose, sugestão, indução, obediência, responsividade) é tomado como forma inicial de uma problemática que a psicanálise desenvolverá sob outras categorias (transferência, interpretação, enquadre, continência).

A "modernidade" do texto, nesse sentido, é uma hipótese de trabalho: testa-se se "Hipnose" permite discriminar, com rigor clínico, entre intervenções que produzem alívio por regulação externa e intervenções que favorecem transformações e crescimento mental – distinção central na obra bioniana.

Freud e a sugestão como eficácia

Em 1891, Freud descreve um método cuja eficácia varia em função de fatores relacionais e individuais. Nem todos são igualmente

hipnotizáveis, há graus de hipnose, a técnica exige condições de setting e manejo do operador. O estado hipnótico é apresentado menos como fenômeno em si do que como meio para o elemento terapêutico principal: a sugestão, frequentemente direta, destinada a suprimir sintomas, aliviar dores ou modificar condutas.

O texto de Freud expõe uma ambivalência fundamental. Por um lado, sugere que a intervenção pode ser eficaz e rápida, por outro, apresenta uma pergunta que se tornará central na evolução da técnica: o que muda quando o sintoma cede?

Se a melhora ocorre por comando e influência, ela pode permanecer externa ao sujeito, dependendo da autoridade do operador e do enquadre. Ainda sem a teoria da transferência, Freud já descreve os contornos de um dilema: a supressão do sofrimento pode ocorrer sem elaboração, e esse fato exige critérios para avaliar a qualidade da mudança e sua durabilidade.

É precisamente aqui que se sustenta a hipótese de modernidade: "Hipnose" não é apenas um registro técnico ultrapassado, mas um texto que torna visível a tentação permanente de toda prática clínica – até mesmo a psicanalítica – de confundir eficácia imediata com transformação psíquica.

Uma leitura contemporânea de "Hipnose" permite reconhecer que a cura por influência não desaparece com o advento da psicanálise, ela fica deslocada e complexificada. O tratamento sempre institui expectativas e distribui autoridade simbólica, o enquadre organiza a atenção, define o que pode ser dito e sentido, e cria condições para certos tipos de mudança. Mesmo a interpretação, quando prematura ou saturada, pode operar como sugestão: fecha sentidos, reduz ambivalências, oferece certezas. O texto freudiano, ao explicitar o papel da autoridade e do contexto, reforça o problema ético do poder terapêutico: não se trata de negar a influência, mas de perguntar por seus destinos. A questão é: a intervenção está ampliando a capacidade de pensar ou apenas regulando o sofrimento por fechamento do campo?

Bion contribui de forma decisiva para estabelecer critérios clínicos que sustentem hipóteses de modernidade. A função alfa descreve a

transformação de experiências sensoriais e afetivas brutas em elementos que podem ser sonhados, ligados e pensados. Quando essa função falha, a experiência tende a ser evacuada por atuação, somatização, dissociação ou paralisia do pensamento. Nesses contextos, o analista é convocado como continente.

A hipnose pode ser entendida como uma forma de continência externa, pois organiza a atenção, reduz turbulência e oferece uma ordenação provisória. Tal continência pode ser necessária e eficaz, mas não garante, por si só, transformação. O critério bioniano exige perguntar se houve ampliação da capacidade de simbolizar. Houve uma maior tolerância ao não saber? Houve maior tolerância à frustração? Ou a melhora dependeu de um "aparelho emprestado", sustentado pela presença e autoridade do operador?

Quando acontece a contenção externa, o risco clínico é o da dependência e empobrecimento do pensar. A mente se estabiliza, mas pode fazê-lo pelo estreitamento do campo psíquico. A leitura retroativa permite, então, reler Freud (1891/2025) como descrição inicial de um modelo de eficácia regulatória e usar Bion para distinguir quando a regulação prepara transformação e quando se torna substitutiva.

Com base em Freud (1891/2025) e Bion (1965), pode-se propor uma distinção entre dois regimes de mudança. No regime da contenção externa, a intervenção reduz a turbulência e produz alívio por meio de um ordenamento externo com direção, saturação de sentido, promessa de controle; o ganho pode ser imediato e o custo potencial é a diminuição da ambivalência e do espaço para pensar, com aumento da dependência do operador. A mudança é real, porém permanece frágil e foi pouco internalizada. No segundo regime, o da transformação, a intervenção se abre ao pensar e promove a presença da função alfa, sem capturar e sem substituir. A continência se orienta para favorecer transformações: tolerância à frustração, capacidade de sonhar o vivido, ligação entre afetos e representações, surgimento de associações. O analista sustenta o não saber em dose tolerável e permite que o paciente desenvolva recursos internos. A melhora, então, não é apenas fazer cessar os sintomas, mas ampliar a capacidade mental.

Essa distinção reposiciona a ética da técnica: a intervenção não deve ser julgada apenas por "funcionar", mas por "como funciona" e pelo que produz no aparelho de pensar.

Uma vinheta tipológica: "diga como fazer"

Um paciente tomado por urgência diz que precisa parar com tudo, "eu quero parar, diga-me o que fazer". Essa demanda convoca uma resposta e solicita que o analista forneça um comando, uma ordem certeira capaz de suprimir a angústia. Uma intervenção diretiva que produza alívio, mas que pode operar como sugestão e instalar dependência.

Com Bion, a demanda é compreendida como sinal de falha momentânea de função alfa, a experiência é indigerível e exige continência. O ponto técnico é orientar a continência para a transformação e não para a substituição, conter para que algo vivido se torne pensável, não conter para que desapareça por uma ordem ou comando. A medida do trabalho aparece nos indicadores clínicos: aumento de capacidade criativa, surgimento de sonhos e pensamentos e ampliação da tolerância à dúvida.

Conclusão: a modernidade como critério

Atribuir modernidade à "Hipnose" (Freud, 1891/2025) não significa reabilitar o método, mas reconhecer que o texto descreve, com clareza, uma dimensão inevitável do tratamento, a modulação do campo relacional como fonte de eficácia. A hipnose funciona como paradigma de eficácia por contenção externa, Bion permite avaliar quando tal contenção prepara o surgimento do pensar e quando se torna uma prótese substitutiva. Nesse sentido, "Hipnose" permanece moderno porque obriga a psicanálise a perguntar se o tratamento visa apenas alívio ou ampliação da capacidade de simbolizar e pensar.

A ética da técnica se decide nesse ponto: abrir para transformar, e não conter para substituir e fechar.

La modernidad de la hipnosis

Resumen: En este ensayo, el autor propone una lectura retroactiva (*Nachträglichkeit*) de "Hipnosis" (Freud, 1891), considerándola no como una curiosidad histórica, sino como un texto que expone una cuestión aún estructurante de la clínica: la porción inevitable de influencia y de modulación del campo relacional en la producción de cambios psíquicos. La "modernidad" atribuida al texto es aquí operativa y no cronológica: Freud describió un método del encuadre, de la autoridad simbólica y de la responsividad del paciente, reposicionando el problema del poder terapéutico y de sus destinos. A la luz de Bion, la hipnosis puede comprenderse como una modalidad de continencia externa capaz de reducir turbulencias emocionales cuando la función alfa es precaria, sin embargo, esa eficacia no garantiza transformación ni crecimiento mental. Sugiere, por último, una distinción clínica entre dos regímenes de cambio – regulación por cierre y transformación por ampliación de la capacidad de pensar – como eje para sostener la actualidad del texto freudiano y discutir la ética de la técnica psicoanalítica.

Palabras clave: hipnosis, sugestión, *Nachträglichkeit*, Bion, función alfa

The modernity of hypnosis

Abstract: In this essay, the author proposes a retroactive reading (*Nachträglichkeit*) of "Hypnosis" (Freud, 1891), treating it not as a historical curiosity but as a text that raises a question that remains structurally central to clinical practice: the inevitable share of influence and modulation of the relational field in the production of psychic change. The "modernity" attributed to the text is here operative rather than chronological: Freud described a method of framing, symbolic authority, and patient responsiveness, thereby repositioning the problem of therapeutic power and its destinies. In the light of Bion, hypnosis may be understood as a modality of external containment capable of reducing emotional turbulence when the alpha function is fragile; however, such effectiveness does not guarantee transformation or mental growth. Finally, he suggests a clinical distinction between two regimes of change – regulation through closure and transformation

through the expansion of the capacity to think – as a way of sustaining the contemporary relevance of Freud's text and discussing the ethics of psychoanalytic technique.

Keywords: hypnosis, suggestion, *Nachträglichkeit*, Bion, alpha function

Referências

Bion, W. R. (1965). *Transformations*. Karnac.

Freud, S. (2025). Hipnose. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 1). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1891)

Orlando Hardt Junior
orlandohardt@yahoo.com

DOI: 10.67671/alter.2026.04

© Alter, 2026. Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização prévia por escrito da editoria.